

Santa Maria Maior



Revista nº 41 - Junho 2024

Marcha Infantil

As crianças de Santa Maria Maior cantam o Tejo

Marcha de Alfama

Namoros, despedidas e regressos a contos com o rio

Marcha da Baixa

A história da Baixa contada através da Praça da Figueira

Marcha do Castelo

Danças e cantares fascinantes lembram noites mouras no Castelo

Marcha da Mouraria

Bairro aberto, caldeirão de culturas e tradições

EXECUTIVO



António Manuel
Vogal

Comércio e Atividades
Económicas



Maria João Correia
Vogal

Ambiente Urbano
(Espaço Público, Limpeza
e Higiene Urbana
e Espaços Verdes)



Miguel Coelho
Presidente

Intervenção social
(Ação Social e Saúde);
Turismo e Cultura; Informação,
Comunicação e Imagem;
Segurança e Proteção Civil



Ricardo Dias
Secretário

Educação; Cultura; Juventude;
Associativismo e Desporto



Idália Aparício
Tesoureiro

Finanças e Património; Recursos
Humanos; Secretaria Geral;
Iluminação Pública; Mobilidade
e Transportes (Sinalética,
Toponímia, Sinalização
Horizontal e Vertical)

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA MAIOR

Mesa

PRESIDENTE: Sérgio Cintra (PS)

1º SECRETÁRIO: Filomena Lobo (PS)

2º SECRETÁRIO: Carlos Oliveira (PS/Ind)

Zulmira Guterres (PS/Ind)

Clementina Maia (PS)

Carlos Dias Torres (PS)

Cláudia Vieira (PS/Ind)

Lourenço Paour Costa (PS)

Maria de Lurdes Pinheiro (CDU/PEV)

Hugo Duarte (CDU/PEV)

Catarina Medeiros (BE)

Sandra Campos Gadanho (PSD)

Jorge Garcia (Ind)

04|05**EDITORIAL***Miguel Coelho, Presidente***06|07****ENTREVISTA***Ricardo Dias, Executivo***08|09****MARCHA INFANTIL***Santa Maria Maior canta o Tejo***10|13****MARCHA DE ALFAMA***Amores, despedidas,
partidas e regressos***14|17****MARCHA DA BAIXA***A memória da Praça
da Figueira***18|21****MARCHA DO CASTELO***Danças e cantares fascinantes***22|25****MARCHA DA MOURARIA***Todos são bem-vindos***26****GRANDE MARCHA
DE LISBOA 2024****27****CALENDÁRIO***Exibições na Altice Arena
Desfile na Avenida da Liberdade
Exibições da Marcha Infantil
Marchas na Rua***ILUSTRAÇÃO DE CAPA:** Cláudia Farragatão © JFSMM 2024**JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA MARIA MAIOR***Rua dos Fanqueiros 170-178 1100-232 Lisboa
Tel: 210 416 300 (Chamada para rede fixa nacional)
E-mail: geral@jfsantamariamaior.pt**Direção: Miguel Coelho**Propriedade: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior**Fotografia: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior**Paginação e redação: Junta de Freguesia de Santa Maria Maior**Impressão: Soartes - Artes Gráficas, Lda**Depósito legal: 3668885/13**Distribuição gratuita.*

Lindas, desde sempre e para sempre!

As Festas de Lisboa são um dos períodos mais intensos, felizes e cheios de expectativas no território de Santa Maria Maior. É a altura em que, depois de meses de preparação e antecipação, as Marchas Populares da Freguesia se mostram ao público, encantando primeiro o povo dos bairros de onde são originárias. Depois, impressionando os muitos espetadores das exibições na Altice Arena e na Avenida da Liberdade, em plena noite de Santo António. A festa só termina a 6 de Julho, com o desfile de Marchas na Rua, que reúne todas as Marchas da Freguesia.

As Marchas Populares de Alfama, da Baixa, do Castelo e da Mouraria são uma das grandes expressões da cultura popular e identitária deste que é o coração de Lisboa. E é com um imenso orgulho que a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior se associa e apoia as coletividades que as organizam: respetivamente o Centro Cultural Dr. Magalhães de Lima, a Academia de Recreio Artístico, o Grupo Desportivo do Castelo e o Grupo Desportivo da Mouraria.



Para estas quatro instituições-âncora da freguesia vão as minhas palavras de profunda admiração e agradecimento. Admiração pela capacidade de organização e de trabalho e pelo voluntarismo dos seus dirigentes, organizadores, ensaiadores, figurinistas, cenógrafos, músicos e, naturalmente, dos seus marchantes, das mascotes mais novas aos mais experientes a descerem a Avenida na maior noite do ano.

E também palavras de agradecimento por nunca baixarem os braços e desanimarem. Pelo contrário: trabalham incessantemente, com vontade e alegria. O meu obrigado vai também para o facto de, nas Marchas Populares que idealizam e fazem realidade, espelharem o passado que nos orgulha, o presente que vivemos e o futuro comum que almejamos.

A Marcha de Alfama traz-nos o “Meu Amor Marinheiro!”, numa alegoria a quem teve de sair do bairro mas que nunca perdeu a esperança de retornar e a quem Alfama recebe de braços abertos no momento do reencontro. É minha esperança que esta imagem, tão bem conseguida, venha a ser uma realidade em breve, com o regresso ao bairro de tantos que o tiveram de abandonar sem o desejarem.

Já a Marcha da Baixa, em boa hora regressada à competição, recorda o património do centro histórico, corporizado na antiga Praça da Figueira. Desaparecido fisicamente há décadas, o edifício continua a estar presente nas memórias de muitos como “Um Lugar, um Mercado, uma Praça ...”. Era um dos locais mais fervilhantes da cidade, onde se encontrava quem vendia e quem comprava e um dos centros da sua tradicional vida económica. Num presente em que essa mesma vida se confronta com desafios de autêntica



sobrevivência, há que recordar que Lisboa é uma cidade de trocas e a Baixa a sua pérola.

Na Marcha do Castelo, este ano, viaja-se na História, até ao tempo em que a cidade se chamava Al-Ushbuna e na colina mais alta brilhava uma civilização sofisticada, em que a cultura da música e da dança assumia um papel central nas “Noites Mouras no Castelo”. Mais uma vez, as gentes de Santa Maria Maior, neste caso as do berço da cidade, não hesitam em assumir como sua uma história milenar e multicultural que, nos dias de hoje, continua a fazer de Lisboa uma das grandes cidades da tolerância e da paz entre as suas diversas comunidades.

A Marcha da Mouraria, por sua vez, mostra um bairro onde todos são bem-vindos: desde os que apenas se demoram alguns dias, até aos que o escolheram para viver. “O nosso orgulho, Mouraria!”, é também feito desta mescla de gentes e de modos de viver que, cada vez mais, distingue o bairro e, com isso, enriquece o território de Santa Maria Maior.

Nas semanas anteriores às exibições, tive oportunidade de assistir aos ensaios de todas estas Marchas e, confesso, se fosse questionado sobre a minha favorita, só poderia responder: são todas.

Na sua diversidade de melodias, letras, figurinos, arcos, marcações e coreografias, as Marchas Populares desta freguesia mostram, mais uma vez, que são as grandes embaixadoras do nosso pulsar comum. E sei que, **independentemente de classificações e lugares na competição, as nossas marchas representam as suas gentes, os seus bairros e Santa Maria Maior de forma exemplar.**

Há quem diga que a expressão “A nossa Marcha é Linda!” se trata de um lugar-comum. Se o é, assumo-o com naturalidade, embora com uma adaptação. Todas as Marchas Populares de Santa Maria Maior são **lindas, desde sempre e para sempre!**

Assisti igualmente ao ensaio de um dos projetos identitários e culturais mais bonitos criados por esta Junta de Freguesia: a Marcha Infantil de Santa Maria



Maior. Numa edição de Marchas Populares que tem como mote o rio que banha esta cidade, faz todo o sentido que os nossos meninos e meninas marchem com o mote “Santa Maria Maior canta o Tejo”. Perante as suas famílias, os nossos mais novos mostraram o que aprenderam e foram aplaudidos com um misto de espanto, orgulho e emoção pelos mais próximos.

Sentimentos que partilhei na altura e que volto a experimentar de cada vez que vejo, nestas crianças, o futuro das nossas comunidades de marchantes.



Tenho a certeza de que, nas exibições na Altice Arena, as quatro Marchas Populares de Santa Maria Maior vão deixar muito orgulhosas as suas coletividades, os seus bairros, as suas gentes e a nossa freguesia. E tenho ainda mais a certeza de que brilharão muito alto durante o desfile na Avenida da Liberdade, na noite maior das Festas de Lisboa de 2024.

E a todas – Alfama, Baixa, Castelo e Mouraria – desejo a melhor das sortes. **As Marchas são Lindas!**

Miguel Coelho
Presidente da Junta



“A Marcha Infantil de Santa Maria Maior mostra que o território está vivo”

Um grande projeto cultural e comunitário, que congrega crianças e famílias, mas também o movimento associativo da freguesia. Todos com um objetivo comum: semear o futuro das Marchas Populares no território. Ricardo Dias, do Executivo da Junta, coordena o projeto.



Como surgiu o projeto da Marcha Infantil de Santa Maria Maior?

Este não é o primeiro projeto deste tipo criado na freguesia. Existiu há alguns anos uma marcha infantil, organizada pelo Centro Cultural Dr. Magalhães de Lima, que a Junta de Freguesia chegou a apoiar financeiramente. Chamava-se “Os Alfaminhas” e era composta, tal como o próprio nome indica, maioritariamente por crianças do bairro de Alfama. Durante vários anos, foi essa marcha que representou a freguesia nas Festas da Cidade, nomeadamente no

evento das Marchas Infantis organizado pela Câmara Municipal. Porém, o fenómeno do êxodo demográfico em Alfama acabou por se repercutir também neste projeto e fez com que houvesse uma diminuição no número de crianças que participavam, o que levou a que a esta marcha infantil acabasse. Também a Mouraria teve, em tempos, uma Marcha Infantil.

Mas a ideia renasceu em 2023.

No ano passado, considerámos que estava na altura de dar um passo muito importante na nossa programação educativa, juvenil e cultural, fazendo nascer uma nova marcha infantil no território. Para tal, contámos com o importante incentivo da Vanessa Rocha, ensaiadora da Marcha de Alfama, que, desde o primeiro momento, se mostrou disponível.

Surgiu assim a Marcha Infantil de Santa Maria Maior, organizada pela Junta em parceria, e este é o fator mais importante e estrutural de todo o projeto, com as coletividades que organizam marchas populares na freguesia.

Por que razão foi tomada a opção de realizar um projeto partilhado com várias instituições do movimento associativo?

Pareceu-nos uma opção natural de organização.

Foram dadas ‘especialidades’ às várias coletividades, de forma a que todas integrassem a Marcha Infantil que, assim, é representativa de toda a freguesia.

E de que forma se dividiram as diferentes responsabilidades?

Ao Centro Cultural Dr. Magalhães de Lima, responsável pela Marcha de Alfama, foi entregue a vertente da coreografia, através do trabalho de ensaiadora da Vanessa Rocha, apoiada por três pessoas da Comissão Técnica: a Carina Rocha, o Rodrigo Fonseca e a Graça Sequeira, que foi a organizadora da

marcha infantil “Os Alfaminhas”. Todos são responsáveis pelo acompanhamento diário das crianças e também fazem a ponte com os encarregados de educação.

O Grupo Desportivo da Mouraria assumiu a missão dos figurinos, desde a criação e projeção à aquisição dos materiais e o acompanhamento da produção. Para tal, contou com o desenho do Tiago Pacheco e a coordenação da conceção por parte da Amália Vaz, da Associação Ideias com Panos.

A parte da cenografia, ou seja a criação e manufatura

dos arcos, é da responsabilidade do Grupo Desportivo do Castelo e do trabalho conjunto da Tânia Rodrigues, Catarina Mártires, José Ferrão e Rui Felismino.

E a Academia de Recreio Artístico providencia o seu salão para os ensaios e garante toda a logística dos mesmos. É curioso que, em resultado, o espaço-sede da coletividade mais antiga de Lisboa é a 'casa' dos ensaios da marcha mais jovem da freguesia.

Como é que o êxodo demográfico que tem vindo a atingir o território de Santa Maria Maior se reflete na composição da Marcha Infantil? Todos os participantes são crianças que vivem na freguesia?

Na realidade, existe um pouco de tudo. Algumas crianças residem na freguesia e têm pais que participaram e participam nas marchas populares. Algumas crianças já cá não residem, mas os avós sim. E temos crianças que já não têm nem avós nem pais em Santa Maria Maior, mas cujas famílias mantêm uma relação muito intimista com o território, ou que frequentam as nossas escolas.

E o que é que as crianças e as famílias têm em comum?

Acredito que todas veem no projeto da Marcha Infantil de Santa Maria Maior uma oportunidade de participarem numa manifestação cultural das suas raízes. **Os pais e avós destas crianças viveram as Marchas Populares e elas encontram aqui, hoje, um espaço de pertença.**

Podem integrar uma marcha do território onde vivem com os pais ou onde vivem os avós ou onde estes viveram e foram felizes ao integrar uma comunidade. A Marcha Infantil é um fator identitário, que ajuda a que os mais novos se sintam acolhidos e integrados, tendo em conta que estão numa marcha com o nome do sítio onde vivem, onde vivem as suas famílias ou de onde as suas famílias são originárias.

E onde se podem relacionar com as histórias que os pais e os avós lhes relatam das marchas de há muitos anos.

Certamente. Um exemplo curioso: muitos dos pais das crianças que hoje participam no projeto integraram a Marcha de Alfama e foram ou colegas ou ensaiados pela Vanessa Rocha. Para estas crianças, que a veem como uma pessoa de referência no panorama das marchas, serem agora ensaiados por ela é algo que lhes dá ânimo e contentamento.

Qual é o momento em que as crianças se tornam marchantes?

Há um crescendo que acontece nos ensaios e em todo o trabalho que é feito na coreografia, nos figurinos e na cenografia. Mas o momento simbólico de vestir uma farda, de agarrar um arco e de ver as famílias a aplaudir é, naturalmente, marcante. E, para a Junta de Freguesia, esse momento é um exemplo daquilo que

deve ser o seu trabalho do ponto de vista educativo e cultural. Isto porque estamos a falar de um projeto que oferece uma atividade importante às crianças, mas também é algo que envolve os encarregados de educação, as coletividades e o território em geral. Esta é uma ideia holística, ou seja, tem um pouco de tudo. É raro encontrarmos projetos deste tipo.

É um projeto holístico, mas também de sementeira e de aposta no futuro.

A Marcha Infantil de Santa Maria Maior mostra que o território está vivo e que ainda é um bom sítio para se viver. Esta é a melhor freguesia de Lisboa e do país!

O projeto também ajuda a que as crianças, desde cedo, tenham a oportunidade de participar numa manifestação cultural da sua comunidade e, mais tarde, se o desejarem, se envolverem mais a sério. Quanto ao futuro, trata-se de uma forma de a Junta auxiliar, a médio prazo, as coletividades a combater o problema da falta de marchantes. Se começarmos, desde cedo a manifestar e a produzir junto das crianças um interesse pelas Marchas Populares estaremos a fazer um bom trabalho.



Ricardo Dias

Pelouros da Educação, Cultura, Juventude, Associativismo e Desporto

Marcha Infantil



SANTA MARIA MAIOR CANTA O TEJO

Manter a atenção dos mais novos não é fácil. Em especial porque os pais e avós estão a assistir ao ensaio, nas bancadas do Complexo Desportivo da Verbena. Mas os adultos no meio das crianças conseguem organizar as coisas de maneira que as marcações apareçam. Até às primeiras apresentações, tudo ficará pronto a encantar as famílias e todos os que assistam à Marcha Infantil de Santa Maria Maior 2024.

As mascotes, com menos de dois anos, assistem a tudo, passando de colo em colo. Quanto aos restantes marchantes, todos vestidos de t-shirts azul-turquesa, de cada vez que se repete o esquema, cresce a confiança. E mesmo quando se tropeça nos próprios pés - ou a conversa com o colega do lado está muito interessante - depressa se arrepiam caminho e se volta à marcação correta. Sempre com sorrisos e energia.

Na Marcha Infantil, “Santa Maria Maior Canta o Tejo”. Freguesia ribeirinha, de docas e chafarizes, bebe do rio a sua História. Ao longo dos séculos, ora dele se espraia, ora nele desagua.

Do Tejo são as profissões que marcaram gerações e modos de vida, são os mais belos poemas, histórias de amor e despedidas.

De Alfama à Mouraria, subindo ao Castelo ou ao Chiado pela Baixa, o rio em tudo se faz presente - até na voz. Neste que é o coração de Lisboa, canta-se o Tejo nos versos dos fadistas e nos pregões das varinas, cada letra como uma gota deste rio que nos molda. E é assim, que em cada esquina e em cada passo, dos pais aos filhos que o hão-de ser, Santa Maria Maior, ainda hoje, canta o Tejo.

Marcha Infantil "HINO DA FREGUESIA!"

No cimo deste Castelo
Espero conseguir tocar
Na luz do sol amarelo
Que põe o Tejo a brilhar
Como brilha na calçada
Onde o Pessoa me viu
Sentado na esplanada
A brincar à apanhada
Com a Baixa e o Rossio

**Hoje vou na nossa Marcha
Com o Castelo e a Baixa
(Somos) Santa Maria Maior!**

**Chamo Alfama e Mouraria
Canta toda a Freguesia:
Santa Maria Maior!**

**Venha toda a vizinhança
Com um sorriso de criança
Para nos mostrar amor!**

E a cantar com alegria
Viva a nossa freguesia
Santa Maria Maior!

Um fadista popular
Canta Ópera no Chiado
Porque trocou de lugar
Com o tenor que canta Fado

Alfama na brincadeira
Deu à Mouraria a mão
Agora não há fronteira
E a Rua da Regueira
Faz esquina com o Capelão

Letra: Ricardo Dias
Música: Carlos Dionísio



Coordenação do projeto

Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

Parceria
Coletividades organizadoras de marchas
a concurso em Santa Maria Maior
Academia de Recreio Artístico
- Marcha da Baixa
Centro Cultural Dr. Magalhães de Lima
- Marcha de Alfama
Grupo Desportivo da Mouraria
- Marcha da Mouraria
Grupo Desportivo do Castelo
- Marcha do Castelo

Cenografia
Grupo Desportivo do Castelo
- Marcha do Castelo

Responsáveis
Tânia Rodrigues, Catarina Mártires,
José Ferrão e Rui Felismino

Figurinos
Grupo Desportivo da Mouraria
- Marcha da Mouraria

Desenho
Tiago Pacheco
Confeção (coordenação)
Amália Vaz
- Associação Ideias com Panos

Coreografia
Centro Cultural Dr. Magalhães de Lima
- Marcha de Alfama

Ensaíadora
Vanessa Rocha
Comissão Técnica
Carina Rocha, Rodrigo Fonseca
e Graça Sequeira

Instalações e apoio logístico
Academia de Recreio Artístico
- Marcha da Baixa

Padrinhos
Maria Argentina (Tininha de Alfama)
Rui Costa (Bebé)

Meninas

Clara Gomes
Cléo Ferreira
Laura Furtado
Leonor Santos
Madalena Jesus
Mara Rocha
Maria Aragão
Maria Ferrão
Maria Marques
Maria Vargas
Mariana Silva
Matilde Jesus
Matilde Sequeira
Mayla Carvalho
Melânia Carvalho
Melanie Pinto
Miriam Pinto
Petra Andrade
Rafaela Brás
Vitória Farinha
Vitória Purvis
Viviane Ferreira

Meninos

David Nascimento
Diego Carneiro
Diego Sequeira
Diogo Mendes
Duarte Santos
Enzo Carneiro
Lourenço Vaz
Martim Pereira
Rui Mendes
Rui Pinto

Mascotes
Guilherme Pinho
Madalena Martins
Simão Carneiro



Marcha de Alfama



AMORES, DESPEDIDAS, PARTIDAS E REGRESSOS

No salão do Centro Cultural Dr. Magalhães de Lima ressoam os passos das marcações da Marcha de Alfama. Uma e outra vez, repetem-se movimentos, toca o cavalinho, a ensaiadora dá indicações e exemplifica o que quer das dezenas de marchantes que enchem o espaço. Há quem mostre mais experiência e quem ainda tenha hesitações. Mas todos se entrecajudam, nem que seja por um ligeiro movimento de mãos, um piscar de olhos, um acerto no alinhamento ou um breve, “boa!”. Chega o intervalo, mas o empenho mantém-se. Ao mesmo tempo que se descansa, trocam-se impressões sobre o melhor modo de fluir sobre as tábuas do “Magalhães” e pedem-se conselhos sobre uma posição em particular. Ainda há muito a fazer até que a Marcha esteja como se quer e os pergaminhos exigem. Eles assumem o papel de homens do mar e elas, ao invés de

varinas, são a encarnação da própria Alfama. Um bairro que, desde sempre, viu sair os seus: para as águas do Tejo e para as águas do Mar Alto, que sempre se despediu, a chorar, mas que sempre teve esperança num regresso. E esse regresso acontece. “Ali está ele, que parece rendido, a despedir-se da embarcação que o trouxe”.

O tempo passa e é assim que continua, tal como o bairro, a ver de perto o rio onde as cores da tarde se esgotam. Sentado no cais onde conheceu Alfama, dá-lhe companhia na espera porque há regressos. Alfama “não vira o rosto ao Tejo, antes faz por lhe entender a demora. Tanto que quando o amor regressa parece que nunca saiu do cais por ele esperando, esperando sempre”. É assim que se explica o “Meu Amor Marinheiro!” da Marcha de Alfama em 2024.

Marcha I (Inédita)
"LÁ VAI ELE! LÁ VAI ELE!"

A luz branca do meu Bairro,
 já anuncia a manhã,
 Pus o mais belo vestido
 e um perfume de hortelã,
 Desço a correr a Regueira,
 o meu destino é o cais (Ai, ai, ai),
 E as vizinhas entredentes
 dizem que ele não volta mais.
 Mas seja lá como for,
 Vou gritar-lhe com fervor,
 Não te esquecerei jamais.

**Lá vai ele, lá vai ele,
 E aos poucos deixo de vê-lo,
 Leva o cheiro de maresia
 nas ondas do seu cabelo,
 Não sei se rio ou se choro,
 Já saudades antevejo,
 Vou esperá-lo aqui na Doca,
 desta Alfama à beira-Tejo.**

**Lá está ela, lá está ela,
 E aos poucos deixo de vê-la,
 Na hora da despedida,
 ficou ainda mais bela.
 Não sei se rio ou se choro,
 Já saudades antevejo,
 Espero encontrá-la de novo,
 nesta Alfama à beira Tejo.**

À Doca que era de peixe,
 chegam agora cruzeiros,
 Já não se avistam varinas,
 mas 'inda há marinheiros,
 Subo até Santo Estêvão,
 na esperança de ainda o ver (Ai, ai, ai)
 Junto ao Cruzeiro do Adro,
 uma oração vou fazer,
 Oh rio que espelhas Alfama,
 Se o levas de quem o ama
 Também o hás-de trazer.

REFRÃO

Letra: Raquel Tavares
Compositor: João Ramos e Raquel Tavares
Arranjo Musical: Carlos Dionísio

Marcha II (Inédita)
"MARINHEIRO APAIXONADO"

Chego ao cais e não te vejo,
 Depois de meses no mar;
 Mortinho por dar-te um beijo,
 Nem me vieste esperar.

Vá, não me pregues partidas,
 Assim que eu torno à cidade;
 Nem com tanto salva-vidas,
 Nem com tanto salva-vidas,
 Eu me salvei da saudade.

**Ai, se o meu amor me engana,
 Eu corro Alfama,
 E vou apressado.**

**Olho o Tejo nas janelas
 E cruzo as vielas,
 Temendo o meu fado.**

**Abraço a mulher que adoro,
 Sou homem mas choro,
 E não me envergonho.**

**Meu amor fez-me a surpresa,
 De ter sobre a mesa,
 Um jantar de sonho.**

**Se o meu amor não me engana
 Fico em Alfama,
 Já não volto ao mar.**

**Durmo com ela na cama
 Não saio de Alfama
 Nem volto a embarcar.**

**Como pude eu ter ciúme?
 Ponho a mão no lume
 Pelo meu amor.**

**Ai, que rica vida a minha,
 Eu largo a Marinha,
 Vou ser pescador.**

Não sei se vou perdoar,
 O susto que me pregaste,
 Eu passei meses no mar,
 Tu nem do cais te acercaste.

Lá, quando a onda avançava,
 E era maior a aflição,
 Pensar que p'ra ti voltava,
 Pensar que p'ra ti voltava,
 Foi bóia de salvação.

Letra: Maria do Rosário Pedreira
Compositor: Raquel Tavares
Arranjo Musical: Carlos Dionísio

Marcha III (Antiga)
"ALTO MAR"

Não há ninguém que destrua
 Este Amor que nos abraza
 Cada um gosta da rua
 Onde tem a sua casa
 E daí vem a firmeza
 Com que adoramos Alfama
 Onde há gente Portuguesa
 Onde há gente Portuguesa
 Desde os tempos da moirama.

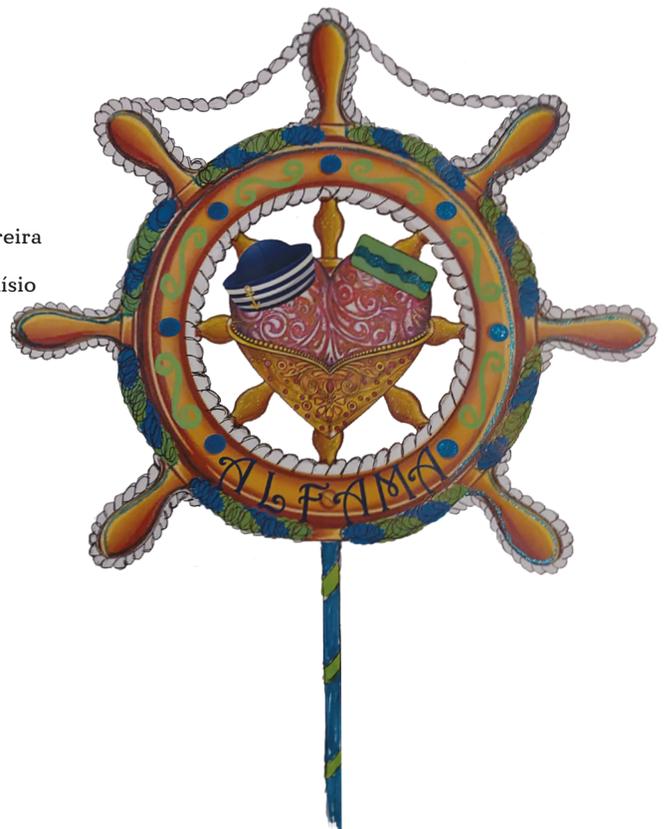
**No Alto mar
 Fomos nós sempre os primeiros
 Com Alfama a palpitar
 Em fardas de marinheiros
 Porque afinal
 Foi destas pobres vielas
 Que saiu o Portugal
 Que embarcou nas caravelas.**

Alfama encheu-se de mágoa
 E chora dias inteiros
 Porque às vezes falta água
 No Beco dos Aguadeiros
 Já corri Alfama inteira
 Porque a sede me obrigou
 Fui á Rua da Regueira
 Fui á Rua da Regueira
 Mas a Regueira secou.

REFRÃO

Quem quiser beijinhos pede-os
 Quem não pede é porque é mudo
 Vá à Rua dos Remédios
 Que há remédio para tudo
 Meu amor amou sem fé
 Deixou-me por coisa pouca
 Mora nas Cruzes da Sé
 Mora nas Cruzes da Sé
 E eu faço cruzeiros na boca

Autor: Raul Ferrão
Compositor: Frederico de Brito
Arranjo Musical: Carlos Dionísio



MEU AMOR MARINHEIRO!

Responsável

João Ramos

Comissão Organizadora

Anabela Branquinho
António Branquinho
Ana Carina Rocha
Diogo Vaz
Domingos Barroso
Graça Sequeira
João Ramos
Jorge Dias
Mário Rocha
Nelson Carvalho
Nelson Palma
Nuno Lopes
Paulo Alves
Sandra Silva
Sónia Trindade
Vanessa Rocha
Rute Alves
Rute Rocha

Ensaaiador

Vanessa Rocha

Figurino

Nuno Lopes

Cenografia

Nuno Lopes

Padrinhos

Raquel Tavares
João Baião

Mascotes

Lorena Pereira
Ângelo Fernandes

Porta-Estandarte

Madalena Lopes

Cavalinho

Clarinete João Abrantes
Sax Alto António Ferreira
Trompete Jorge Barroso
Trompete Pedro Gentil
Trombone Lúcio Filipe Vilela
Bombardino Gonçalo Marques
Tuba Pedro Filipe Santos
Caixa Luís Rodrigues

Aguadeiros

Ivo Quintino
João Sousa
Ruben Silva
Sandra Leitão
Sara Beringel



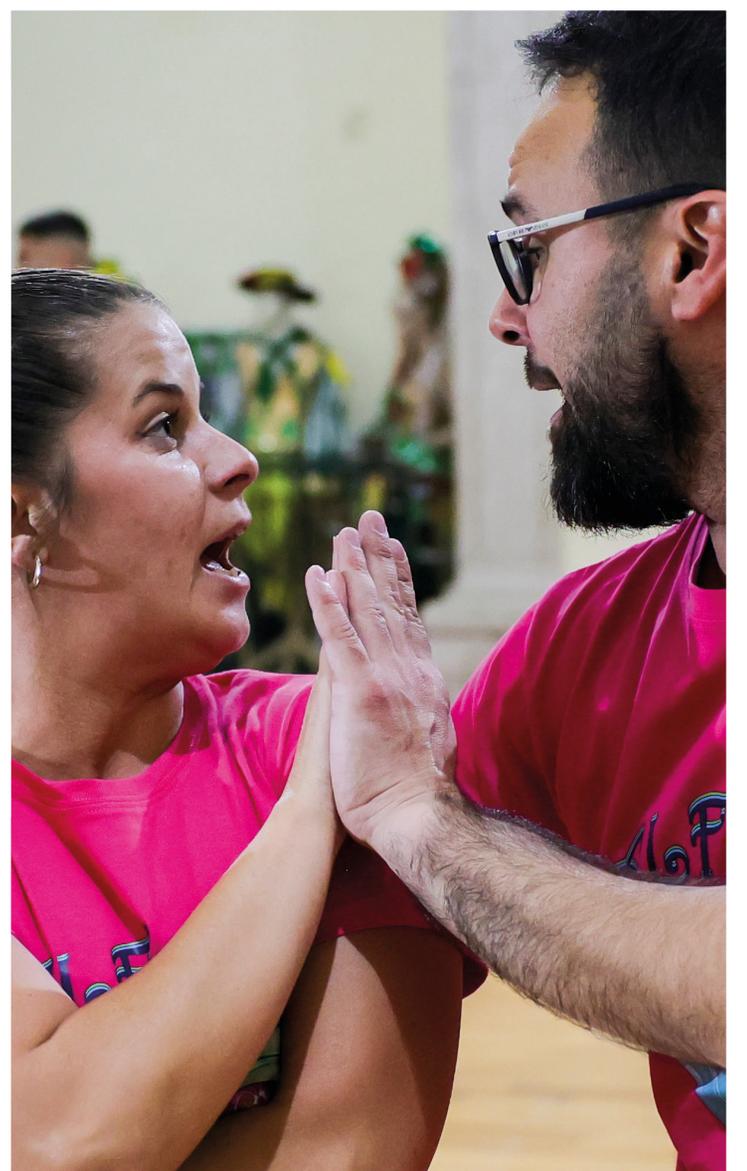
MARCHANTES

Mulheres

Ana Catarina Gonçalves
Ana Rita Rosendo
Andreia Carmo
Daniela Santos
Diana Rodrigues
Érica Carmo
Gabriela Silva
Inês Carvalho
Joana Santos
Mafalda Gonçalves
Margarida Favinha
Madalena Guimarães
Maria Teixeira
Marisa Monteiro
Marta Teixeira
Núria Paiva
Rafaela Vicente
Soraia Silva
Soraia Sousa
Tatiana Silva
Tatiana Nunes
Telma Silva
Telma Alves
Vanessa Pais

Homens

André Ramires
André Rodrigues
Bruno Ferreira
Daniel Simões
Diogo Vaz
Diogo Rocha
Fernando Almeida
Flávio Fernandes
Ivan Silva
João Santos
Marcelo Ferreira
Mário Costa
Mauro Cruz
Nuno Barroso
Ricardo Furtado
Ricardo Pereira
Rodrigo Marques
Rodrigo Porfírio
Rodrigo Ministro
Ruben Fernandes
Sandro Oliveira
Sérgio Carmo
Telmo Reis
Tomás Alves



Alfama, de frente para o Tejo, parece que nasceu para ficar a contás com o rio. Mas não: é paciente apenas. Se deixou que daqui partissem para que se chegasse ao Mundo, também deu a boa troca para que aportassem nela. Não admira que as contás estejam certas com o destino. Mas qual? Há quem a trate como mulher e sim, pode sê-la, porque chegou-se a perguntar se Alfama aguentou. Aguentou sempre. Empederneceu o pranto que ficava no cais guardando o lenço da despedida e da promessa, e desprazida volta ao bairro com saudade do amor que partiu.

Marcha Baixa



A MEMÓRIA DA PRAÇA DA FIGUEIRA

O edifício de ferro foi demolido há décadas e, hoje, do antigo mercado da Praça da Figueira nada parece restar. Pelo menos fisicamente, porque na memória do centro histórico ele continua presente e dá o mote para a Marcha da Baixa 2024: “Um Lugar, um Mercado, uma Praça...”. A Praça da Figueira foi, para tantas gerações, um dos locais mais emblemáticos da vida comercial da cidade. Todos lá iam: dos mais abastados aos mais humildes, de quem vivia nas imediações a quem vinha de longe. Nos ensaios da Marcha da Baixa, os marchantes assumem, com naturalidade, os seus papéis. De vendedores e de compradores, de quem apregoa a frescura dos seus produtos e de quem procura regatear sempre o preço um pouco mais barato. “Ó, Ó freguês / É a sua vez / Venha cá! / Venha comprar!”, canta-se no pavilhão desportivo onde se preparam as apresentações.

A Marcha da Baixa vai, no entanto, muito para além do edifício do Mercado erigido no final do século XIX. Recorda os tempos do Terramoto, a intervenção do Marquês e o surgimento do edifício emblemático. E até meados do século XX, nunca a Praça da Figueira deixou o seu papel de fornecedora das mesas de Lisboa.

Mas nem só de comércio vivia a Praça da Figueira. Para além da venda, durante os Santos Populares, o mercado era palco de rijos arraiais de Santo António. Por algumas horas, os comes e bebes, os manjericos e os festões substituíam as frutas e legumes, as aves de capoeira e os cortes de carne. Curiosamente, segundo rezam as crónicas, nunca no local se comprou ou vendeu peixe. O último arraial aconteceu em junho de 1949, escassas semanas antes da demolição.

Marcha I (Inédita)
"MARÉ BAIXA, BAIXA MARÉ"

Um manto azul do rio
 Que lá cobriu
 As ruas, becos e vielas
 Singelas
 Levou o passado dolente
 E o presente
 Ergueu-se na fé do Marquês
 Que assim fez
 Voltar a alegria, as chinelas
 Mas que belas
 Carroças, pregões matinais
 Que jamais
 Se esquecem o amor
 E o sabor
 Das frutas, legumes, hortaliças
 E as noviças
 De cestas de flores na mão
 Lá vão, lá vão
 Descendo até à praça
 Com graça
 Os rapazes soltam o piropo
 Maroto
 E então! Juntos na vida aguerrida
 Vão na marcha mais alegre d'avenida!

(Todos)
Maré Baixa, Baixa Maré
És tão linda, é linda é!
Isto sim é que é a Baixa!
Isto sim é que é a Baixa!

(Homens)
Baixa Maré
Mostra a raça e o gajé
Mexe a anca
Bate o pé
Roda a saia com fervor
Quero ser o teu amor
Quero ser o teu amor

(Mulheres)
Baixa Maré
Ó rapaz como é que é?
Mostra aí como se canta
Eu cá não sou da ralé
Teu "parlapié" não me espanta!
Já que dizes ter garganta ...
(lai, lai, lai, lai, ...)

Espreita o sol nas vielas
 E janelas
 Craveiros em flor, manjericos
 Tão ricos
 Há festa, de noite arraial
 E afinal
 As moças lá vão a cantar
 E a bailar
 E há vida na Praça da Figueira
 À maneira
 Vão eles, elas par em par
 A dançar
 A noite é folia
 E o dia
 Começa, se a lua adormecer
 Não vai saber
 Que de novo a giga lá vai
 Não cai, não cai
 Bem presa na cabeça
 Sem pressa
 Aos ombros lá levam um cabaz
 Ai rapaz
 E Então! No Poço do borrarrem
 Matam sede, e água vai e água vem!

Refrão
 + (lai, lai, lai, lai, ... Baixa maré, maré Baixa !)

Letra: Bruno Frazão
Compositor: Artur Jordão
Arranjo Musical: Artur Jordão

Marcha II (Inédita)
"Ó FREGUESA, Ó FREGUÊS!"

Das hortas chegam carroças
 Com fruta e hortaliças,
 A praça é vida, mil cores
 Dá gosto poder comprar,
 Há alegria no ar
 Em ramos de lindas flores.

Que bom que é recordar
 Com saudade no olhar
 O mercado da Figueira,
 Ouvir pregões bem cantados
 Como se fossem uns fados
 Na voz de uma vendedeira.

Ó, Ó freguês
É a sua vez
Venha cá!
Venha comprar!
A fruta está a acabar
Tão bonita e enxuta!
Se sabe bem?
Dá saúde
E faz crescer
Quer uns nabos para cozer?
Leve cenouras também.

Ó, Ó freguesa,
Por gentileza
Venha cá!
Venha comprar!
Traga "pilim" pra pagar
E leve a cesta cheia!
Sou eu quem o diz!
Uma galinha
Uma perdiz
Vai pagar, mas vai feliz
Fique de barriga cheia.

(Pregão Homens)
Ó, Ó Freguês, é a sua vez, venha cá!

(Pregão Mulheres)
Ó, Ó freguesa, por gentileza, venha cá!
 (continua)

É festa, é Santo António
 Folia, um pandemónio
 Cada bairro um festival
 Namorados levam flores
 Para dar aos seus amores
 A praça vira arraial.

Lá vão, com alegria
 Dançar até ser dia
 Com toda a gente na praça
 Convida a Baixa a entrar
 Nesta festa popular
 Que a Lisboa dá a graça.

Refrão
 + Ó freguesa, Ó freguês

Letra: Ester Correia
Compositor: Artur Jordão
Arranjo Musical: Artur Jordão

Marcha III (Antiga)
"A BAIXA É O SOL DE LISBOA"

A Baixa conta uma história
 De Douradores e Fanqueiros
 E traz para a rua a Glória
 De um povo de marinheiros
 Cais das Colunas do Tejo
 Lança os braços num abraço
 E Lisboa abre o cortejo
 Dama do Terreiro de Paço

A Baixa é o Sol de Lisboa
Cidade que conta uma história.
Teatro do tempo que voa
Paisagem da nossa memória

A Baixa é a luz da Cidade
É a tradição que perdura
É Avenida em Liberdade
É vida, É cor e Aventura

Lua de Prata na Rua,
 Rua do Ouro e do Sol
 A Baixa adormece nua
 E faz do Tejo o seu lençol
 É sobre a Augusta rua,
 Que o arco se abre ao Rio
 O com a Arte assim na rua,
 A Baixa beija o Rossio

A Baixa é o Sol de Lisboa
Cidade que conta uma história.
Teatro do tempo que voa
Paisagem da nossa memória

A Baixa é a luz da Cidade
É a tradição que perdura
É Avenida em Liberdade
É vida, É cor e Aventura

Letra: José Vala Roberto
Compositor: José Vala Roberto
Arranjo Musical: Carlos Alberto Moniz



UM LUGAR, UM MERCADO, UMA PRAÇA...

Responsável

Isabel Mateus

Comissão Organizadora

Isabel Mateus
Armando Oliveira
Josefina Santos
Maria Pinto
João Roque
Antónia Nascimento
Cecília Candeias
Rute Biscoito
Eugénia Ribeiro
Catarina Bárbara
Tânia Esteves
Jorge Azevedo
Bruno Frazão
Paulo Santos
Rosário Vilarinho

Ensaaiador

Bruno Frazão

Figurino

Bruno Frazão

Genógrafo

Bruno Frazão

Padrinhos

Zulmira Garrido
Hugo Mendes

Mascotes

Júlia Oliveira
Fábio Santos

Porta Estandarte

Sónia Silva

Cavalinho

Clarinete Cassiano Cardoso

Sax Alto Pedro Simões

Trompete Luis Maciel

Trompete Diogo Neto

Trombone João Bartolomeu

Bombardino Daniel Pinheiro

Tuba Tomás Salgueiro

Caixa Daniel Lourenço

Aguadeiros

Carmen Vieira
Esmeralda Canelas
Carlos Canelas

MARCHANTES

Mulheres

Ana Margarida Patrício
Ana Paula Justo
Beatriz Silva
Beatriz Costa
Carina Coito
Carmen Jones
Cristiana Luís
Cristina Oliveira
Cristina Silva
Daniela Semedo
Ema Gonçalves
Érica Martins
Érica Silva
Filipa Madeira
Inês Jones
Joana Jesus
Joana Jones
Leonor Silva
Margarida Gonçalves
Maria Graça Brotas
Maria Ivone Carvalho
Sara Coelho
Vânia Silva
Vânia Arroz

Homens

André Chagas
António Luís
Bruno Martins
Cristiano Teles
Cristiano Madeira
Diogo Grave
Filipe Tico
Henrique Jesus
João Santos
João Ramos
João Pinto
João Santos
Joel Carvalho
Luís Dias
Nuno Patricio
Nuno Jones
Paulo Santos
Paulo Rosa
Paulo Mendes
Pedro Machado
Ricardo Monho
Tiago Madeira
Tiago Raminhos
Vitor Mateus





A Praça da Figueira onde figura a estátua equestre de D. João I erguida em 1971, situada na Baixa de Lisboa nas proximidades da Praça de D. Pedro IV, antes do Terramoto de 1755 era o local do Hospital de Todos-os-Santos.

Nessa altura, havia a falta de um mercado central e então o Marquês de Pombal viu naquele local a oportunidade para resolver esse problema. Assim no final de 1775, o terreno da Praça da Figueira foi doado à cidade de Lisboa por decreto régio de D. José sob a condição de ali se concentrarem as vendas de frutas, hortaliças e aves de capoeira.

Nasce assim na praça (então a Praça da Erva) um mercado a céu aberto, sobre terra batida, que depois dá lugar à construção de pequenas barracas e à escavação de um poço (num lugar onde havia uma figueira), o Poço do Borratém. Ao longo dos anos, aquele espaço que ainda deu pelo nome de Praça Nova, antes de chegar à designação atual foi recebendo os melhoramentos trazidos pelo tempo.

Em 1834 foi arborizado e instalada iluminação. Em 1849 foi fechado com grades de ferro. Esta construção haveria de ir abaixo em 1883 e dois anos depois surge o novo mercado, inaugurado com pompa e circunstância, na presença da família real.



Marcha do Castelo



DANÇAS E CANTARES FASCINANTES

Marchar tem uma técnica muito particular: há que seguir marcações, respeitar ritmos, colocar a mão na anca, bater o pé, mostrar raça. Mas marchar pode também incluir movimentos suaves e uma fluidez quase oriental, ou mourisca.

A Marcha do Castelo 2024 apresenta as “Noites Mouras no Castelo” e exotismo não lhe falta. Os ensaios são feitos no Complexo Desportivo da Verbena, paredes-meias com o Castelo de São Jorge e onde quase é possível imaginar as festas sofisticadas do tempo em que Lisboa se chamava “Al-Ushbuna”. Uma das maiores urbes do Al-Andaluz e porto onde se comerciava de tudo. E, na colina onde hoje se situa o Castelo de São Jorge, onde ficava a Alcáçova, a Marcha imagina noites de festa, de dança e de cantares, de sedução e fascínio.

A ideia é, em primeiro lugar, que os marchantes se fascinem entre si, numa festa que “celebra a vida”. E depois que passem esse deslumbramento para todos os que assistam às apresentações. Às melodias e letras das marchas criadas para este ano, juntam-se as mensagens transmitidas pela cenografia – onde se destacam as cúpulas e os minaretes – e pelos figurinos.

Elas vestem-se das cores das especiarias que chegaram há muito a estas paragens, pela primeira vez através dos comerciantes muçulmanos. Eles vestem-se de tons de azulejo, uma das heranças deixadas pelos mouros e que, ainda hoje, estão presentes em Lisboa. Tudo isto em contraponto com a habitual narrativa de conflito. A Marcha do Castelo evoca tempos de paz e em que o amor tinha oportunidade de florescer.

Marcha I (Inédita)
"FESTA MOURISCA NO CASTELO"

Há festa mourisca no castelo,
 Bem alto, tão belo.
 A fascinação anda no ar
 Veio pra ficar
 Estendem-se os tapetes no chão
 Cheira a mel e açafião
 A festa vai começar.

Festa Mourisca
Não há quem resista
A moura encantada
De cara velada
Que parece sorrir

Festa Mourisca
Não há quem resista
A mouro moreno
de sorriso sereno
Que quer seduzir

As lanternas brilham nas janelas,
 abertas, singelas.
 Para que a alegria possa entrar
 Rir e dançar
 Há um encanto e uma magia
 Que entontece e inebria
 A festa vai começar.

Festa Mourisca
Não há quem resista
A moura encantada
De cara velada
Que parece sorrir

Festa Mourisca
Não há quem resista
A mouro moreno
de sorriso sereno
Que quer seduzir

Há festa mourisca no castelo,
 alegre, tão belo.
 Brilham as estrelas lá no céu
 E em cada véu
 Ouvem-se sons do oriente
 Viva a festa, viva a gente,
 E a alegria de dançar

Festa Mourisca
Não há quem resista
A moura encantada
De cara velada
Que parece sorrir

Festa Mourisca
Não há quem resista
A mouro moreno
de sorriso sereno
Que quer seduzir

(Instrumental)
 A moura encantada
 De cara velada
 Que parece sorrir

(Instrumental)
 A mouro moreno
 de sorriso sereno
 Que quer seduzir

Letra: José Vala Roberto
Compositor: José Vala Roberto
Arranjo Musical: José Silva

Marcha II (Inédita)
"AQUI ESTAMOS NÓS"

Aqui estamos nós
Pra cantar o amor mais belo
Aqui estamos nós
Somos marcha do Castelo

Nesta festa moura
Que invade a avenida
Não fiques parado
Vamos celebrar a vida

2x

No castelo milenar
 Há uma história por contar
 Um segredo bem guardado
 Duma moura encantada
 Que vive apaixonada
 Por um mouro, seu amado

Chega a noite e entre mil estrelas
 De mão dada eles vão vê-las
 E a lua com seu fulgor
 Entre segredos trocados
 Abençoa os namorados
 Com mil promessas de amor

Aqui estamos nós
Pra cantar o amor mais belo
Aqui estamos nós
Somos marcha do Castelo

Nesta festa moura
Que invade a avenida
Não fiques parado
Vamos celebrar a vida

2x

Esta paixão que os invade
 Foi com vista prá cidade
 Que o amor assim nasceu
 Pelo Tejo embalados
 Eternos apaixonados
 Eu sou tua e eu sou teu

Com sabor oriental
 Este romance imortal
 Em todo o castelo ecoa
 E apesar de não ser fado
 Tem o destino marcado
 Na história desta Lisboa

Aqui estamos nós
Pra cantar o amor mais belo
Aqui estamos nós
Somos marcha do Castelo

Nesta festa moura
Que invade a avenida
Não fiques parado
Vamos celebrar a vida

2x

Nesta festa moura
 Que invade a avenida
 Não fiques parado
 Vamos celebrar a vida

Letra: Miguel Dias
Compositor: Miguel Dias
Arranjo Musical: José Silva

Marcha III (Antiga)
"OLHA O CASTELO"

O nosso bairro velhinho
 Na colina pendurado
 É como se fosse um ninho
 Por Águias edificado

Cá nasceram cá morreram
 Nossos pais nossos avós
 Sua vida cá fizeram
 É ninho de todos nós

Olha o Castelo
Que é relíquia do passado
É um bairro pequenino
Que se vê de todo o lado
Chegado ao céu
Sentinela da cidade
Dentro das suas muralhas
Vive alegre a mocidade

Santa cruz recolhimento
 Ruas alegres garridas
 Dá-lhe a gente movimentada
 São as nossas avenidas

No largo de Santa Cruz
 Quando à noites de luar
 É ver pequenas de luz
 Sempre na roda a bailar

REFRÃO

Pequena se fores à bica
 Vai à rua das cozinhas
 Que teu namoro lá fica
 Para te encher as bilhinhas

Passa à rua das flores
 Leva a bilha com receio
 São partidinhas de amores
 Partirem-te a bilha ao meio

REFRÃO

Rua do Espírito Santo
 Faz milagres dos mais grados
 Pois que põe a cada canto
 Dois pares de namorados

O beco do forno é quente
 É seu forneiro o amor
 Quem tiver paixão à gente
 Sempre apanha algum calor

REFRÃO

Letra: Helder Carlos
Compositor: Armindo Campos
Arranjo Musical: José Manuel de Jesus



NOITES MOURAS NO CASTELO

Responsável
Tânia Rodrigues

Comissão Organizadora
Alexandra Alves
Alice Palmela
Anabela Santos
Ana Catarina Mártires
Ricardo Palmela
Rui Felismino
Tânia Rodrigues

Ensaíador
Ana Raquel Carneiro

Figurino
Carla Pereira

Cenógrafo
Impacto Visual

Padrinhos
Joana Machado Madeira
Zé Lopes

Porta Estandarte
Anabela Sousa

Cavalinho
Clarinete Nuno Lopes
Sax Alto João Silva
Trompete João Sousa
Trompete Pedro Ricardo
Trombone Leandro Antunes
Bombardino Paulo Nunes
Tuba Marco Assunção
Gaia Francisco Ferraz

Aguadeiros
Ana Paula Rodrigues
André Gomes
Carlos Rodrigues
Paulo Santos
Elisabete Jorge

Mascotes
Clara Gomes
Duarte Santos



MARCHANTES

Mulheres

Alice Palmela
Ana dos Mártires
Ana Capelo
Ana Viegas
Ana Pereira
Anabela Gomes
Beatriz Esteves
Bruna Fernandes
Verónica Gomes
Carla Dias
Catarina Costa
Cátia Cruz
Cláudia Correia
Kelly Costa
Liliana de Almeida
Lurdes de Castro
Maira Lima
Margarida Teixeira
Mariana Lopes
Marta Santos
Olga Esteves
Paula Nunes
Sílvia Freitas
Tânia Rodrigues

Homens

Bruno de Sousa
Bruno Luengo
Bruno Pereira
Diogo Barros
Diter António
Edgar Lima
Gonçalo Cabral
João Alves
João Gomes
João Mártires
José Araújo
Júlio Filipe
Kianu Lima
Luís Subtil
Nuno dos Santos
Paulo Velez
André Fernandes
Rodrigo Fonseca
Rúben Nave
Rui Borges
Rui dos Mártires
Rui Mamede
Saide Ferreira
Tiago da Silva

Suplentes

Carina Herculano
Rui Felismino



Nas antigas terras lisboetas, o Castelo testemunha silenciosamente histórias de amor e celebração.

Sob o manto estrelado, Mouros e Mouras encontravam-se nas noites festivas que faziam o castelo vibrar. As muralhas ecoavam música, risos e cumplicidades, onde as famílias se reuniam, exibindo a riqueza cultural pela cidade de Al-Ushbuna.

Em trajes ricamente ornamentados, dançavam e celebravam a vida, tecendo juntos a tapeçaria de uma herança que hoje reverbera nas pedras do Castelo.

A cada passo, a cada nota musical, a harmonia entre eles pintava a cidade com tons de alegria e tradição.

Ao relembrarmos estas noites, celebramos histórias de amor que se entrelaçaram nas velhas muralhas, dando vida a Lisboa.

MOURARIA

Marcha da



TODOS SÃO BEM-VINDOS

O som dos leques, abertos e fechados a alta velocidade, parece estrear no campo de jogos e promete ser um dos momentos mais marcantes da coreografia. Os movimentos são complexos e nem todos os alcançam na primeira tentativa. Mas, mais cedo ou mais tarde, são dominados. No ensaio da Marcha da Mouraria não se perde tempo e, das marcações onde se dão as boas-vindas a quem vier, e ficar, por bem, rapidamente se passa ao mote de 2024: “O nosso orgulho, Mouraria!”. O bairro está orgulhoso de quem é e do que tem para mostrar. Da beleza das fachadas coloridas, varandas ornamentadas e os azulejos que as adornam. Mas também das suas gentes que são “abraço e casa”.

É nesse acolhimento que a marcha diz: “Welcome to Mouraria!”. Aqui, onde a multiculturalidade é História

e presente, recusa-se o fecho de portas e corações. Pelo contrário, é feito o convite para conhecer “um bairro que recebe bem”. A Mouraria mostra-se como é, numa cidade onde na calçada “rolam malas e gente”. Na marcha multiplicam-se as saudações em vários idiomas, dos mais próximos e conhecidos aos mais incomuns.

A quem se destinam? A todos: aos que visitam a Mouraria e aos que, vindos de todo o Mundo, fazem do bairro casa. Há mesmo quem coma sardinhas “com pauzinhos e a sambar!” e quem tempere a vida “seja com caril ou com sal”. E, como se trata da Mouraria, a Marcha tem o Fado. Ele está presente no negro e vermelho dos figurinos e nas estrofes que os marchantes cantam: “Tanto brilho, tanto fado / Tantas notas na guitarra / Um amor para todo o sempre / Esta marcha vai com garra!”

Marcha I (Inédita)
**“WELCOME! BEM-VINDOS
 À MOURARIA”**

Demos a conhecer
 O nosso lar ao mundo
 E agora esta cidade
 Já não pára um segundo!

Abrimos nosso xaile
 E cabem todos cá
 Marcha tanto idioma
 Vem sardinha e há quem coma
 Com pauzinhos e a sambar!(Sambá)

Wel...Welcome! Welcome! Ni hao!
Dêm cá um bacalhau
Venham lá dai dançar

Welcome! Welcome! Bienvenidos!
Que andamos entretidos
Por aqui a festejar!

Welcome! Welcome! Bienvenue!
Canto eu e cantas tu
Somos todos alegria!

Welcome! Welcome! Bem-vindos!
Entre tanto alarido
Ninguém fica aborrecido
Na marcha da Mouraria!

Hallo! Hi! Namasté!
 Amigos, saudações!
 Venham daí connosco
 De arquinhos e balões

Aqui na Mouraria
 É tudo por igual
 Temperado com amor
 É em lisboa, É sim senhor!
 Seja com caril ou com sal

Pela nossa calçada
 Rolam malas e gente
 Cantam o nosso fado
 Dizem como é diferente

Shukran, xièxiè, and thank you,
 Quem faz a tradução?
 Faz a nossa guitarra
 Trinando aqui nesta farra
 Quando cantam a canção

Letra: Joana Dionísio
Compositor: João Aborim
Arranjo Musical: João Aborim

Marcha II (Inédita)
**“O NOSSO ORGULHO:
 A MOURARIA!”**

Escadinhas e ruas estreitinhas
 Um cheiro a festa no ar
 Enquanto se assam sardinhas
 Tuas luzes já estão a brilhar

Só peço ao meu Santo António
 Para que nos traga alegria
 Do chafariz da achada
 À severa apaixonada
 Para a nossa Mouraria

O nosso orgulho! A Mouraria!
Uma paixão tão antiga
Vejam só! E há quem diga
Que é eterno o nosso amor!

Ai como é belo o nosso bairro!
É de alma e coração
Que sentimos a canção
E marchamos com fulgor!

O nosso orgulho! A Mouraria!
Bate o pé e vem cantar
que o tejo vem cá dançar
até ao nascer do dia

Ai como é belo o nosso bairro!
Somos abraço e casa
Somos gente que arrasa
Nosso orgulho, Mouraria!

Encantas com teus belos sorrisos
 E histórias que tens p'ra contar
 Tens na tua voz, o teu fado
 E um xaile que é o nosso lar

És o coração de lisboa
 Tem brilho toda a tua gente
 E quando te vemos marchar
 É um orgulho sem par
 Mouraria para sempre!

(Baile mandado)
 Olha quem chegou à festa
 E não fez mais cortesia
 Bate palmas e ri alto
 É a nossa Mouraria!

Vem o bairro todo em peso
 Para vê-la a desfilar
 E queremos ouvir bem alto
 Qual a melhor a marchar?

Mouraria! Mouraria!

Tanto brilho, tanto fado
 Tantas notas na guitarra
 Um amor para todo o sempre
 Esta marcha vai com garra!

Vejam bem que xaile lindo
 Mas que tanta ousadia
 Não é para admirar
 É a nossa Mouraria!

Mouraria! Mouraria!
 Mouraria! Mouraria!
 Mouraria! Mouraria!

Letra: Joana Dionísio
Compositor: João Aborim
Arranjo Musical: João Aborim

Marcha III (Antiga)
“MINHA MOURARIA”

Oh Mouraria és destino,
 De quem pr'o fado tem tino,
 Ai Mouraria...
 Aqui nasceu nosso rei,
 Maurício que já deus tem,
 Ai Mouraria...
 A rua do Capelão,
 Tem fama e tradição,
 Na Mouraria...
 Viu a severa nascer,
 Crescer para o fado e morrer,
 Na Mouraria...

Ai Mouraria
Como vais vaidosa
Tão orgulhosa
com o teu marchar
Desce a avenida,
chinela no pé
Digam lá se ela não é
A marcha mais popular...

Oh Mouraria és emoção,
 Bate forte o coração,
 Sou Mouraria...
 Danças de braço no ar,
 Marchas alegre a cantar,
 Sou Mouraria...
 Tens a diva do presente,
 Mariza que é cá da gente,
 Da Mouraria...
 Tens arte que é mudéjar,
 E traça bem popular,
 Da Mouraria...

Letra: Fernando Ramos
Compositor: Paulo Valentim
Arranjo Musical: Fernando Ramos



O NOSSO ORGULHO, MOURARIA!

Responsável

Carla Correia

Comissão Organizadora

Carla Correia
Pedro Santos
Sandra Santos
José Carlos Mascarenhas
Tiago Pacheco
Luís Pedro Silva

Aguadeiros

Paulo Antunes
Marisa Costa
Tânia Tomaz
César Silva
Luís Lopes

Ensaaiador

José Carlos Mascarenhas

Porta-estandarte

Mónica Machado

Figurino

Tiago Pacheco
José Carlos Mascarenhas

Cenografia

Tiago Pacheco
José Carlos Mascarenhas
Luís Pedro Silva

Padrinhos

Sissi Martins
Ruben Madureira

Mascotes

Ema Loreti
Kevin Santos

Cavalinho

Clarinete Hugo Mendes

Sax Alto Paulo Santos

Trompete Luis Braz

Trompete Ricardo Matos

Trombone Diogo Nascimento

Bombardino Bruno Pascoal

Tuba José Pinto

Caixa Jorge Pereira



MARCHANTES

Mulheres

Ana Raquel
Ana Rita Fernandes
Andreia Silva
Beatriz Loureiro
Catarina Varela
Cátia Nunes
Cátia Pereira
Claudia Pereira
Érica Rosa
Filipa Santos
Iara Silva
Jéssica Anacleto
Lara Condeço
Liana Simões
Mafalda Gomes
Mafalda Ramos
Márcia Bengaló
Marta Brás
Marta Pires
Nádia Sacramento
Raquel Lima
Rita Loreti
Tânia Correia
Yara Alexandra

Homens

André Sousa
Daniel Branco
Daniel Dionísio
Diogo Morais
Diogo Alves
Fábio Estevão
Fábio Pereira
Flávio Duarte
Iuri Albino
João Saraiva
Leonardo Luis
Nelson Alves
Nuno Pires
Pedro Mata
Pedro Simões
Ricardo Tavares
Rodrigo Favinha
Ruben Anacleto
Rúben Silva
Rui Albino
Tiago Santos
Vasco Reis
Vitor Hugo Sousa
Vitor Nascimento

Suplente

Joana Nascimento



Situada no coração de Lisboa, a Mouraria traz a alma da cidade, envolta em tradição e modernidade.

Nas suas típicas ruas um passado de influências. As fachadas coloridas e de azulejos contam as suas histórias. Os cheiros da culinária local difundem-se pelo ar, trazendo apetite e curiosidade. Um caldeirão cultural onde a tradição entrelaça com as influências.

O Fado ecoa nas suas vielas. Reflete a alma do Bairro e a resiliência do seu povo.

A Mouraria é um local de encontros e partilhas. Os residentes orgulham-se dos seus liames enquanto acolhem aqueles que se aventuram a explorar este pedaço fascinante de Lisboa.

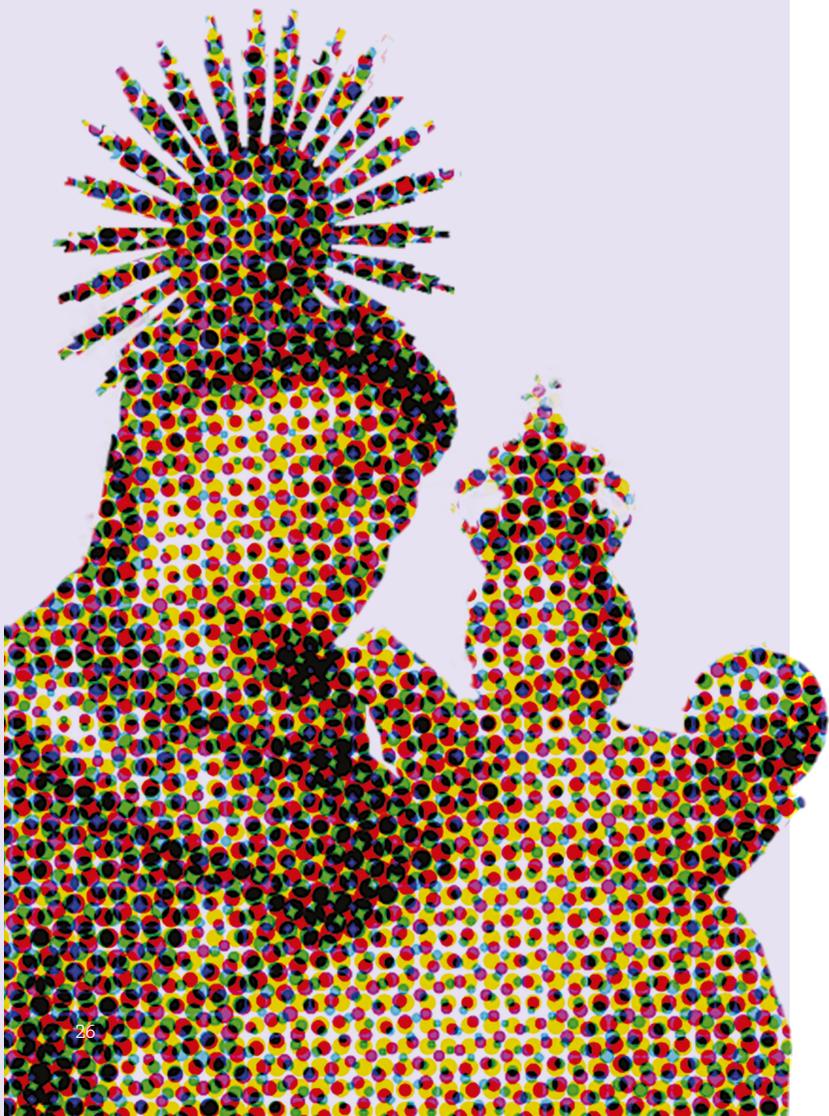
Não é um simples bairro. É essência. Da cidade e da sua secular história.

Welcome to Mouraria!

Grande Marcha de Lisboa 2024

O rio Tejo – tema sugerido para este ano – é a inspiração da canção vencedora do concurso da Grande Marcha de Lisboa 2024. “O Tejo Afinal” fala das múltiplas cores do rio que espelham as gentes, os costumes e as tradições de Lisboa.

©EGEAC



“ O Tejo Afinal”

O Tejo afinal
Não tem cor de verdes-águas
Tem cor de fado
De dor e de mágoas
Tem as guitarras
A chorar sua beleza
E axadrezada
A toalha sobre a mesa
O Tejo afinal
Não é todo azul corrente
Tem tantas cores
Que envaidece a nossa gente
Tem nevoeiro
Nas manhãs do Inverno frio
E ao fim da tarde
Tem a cor doutro navio

**O Tejo afinal
É o rio mais bonito
É de mil cores
Arco-íris infinito
O Tejo afinal
Pode ser qualquer pessoa
O rio Tejo
É o espelho de Lisboa
(BIS)**

O Tejo afinal
Não tem cor de rio comum
É colorido
Como mais nenhum
Acinzentado
Quando chega o São Martinho
E mais garrido
Quando vê outro golfinho
O Tejo afinal
Não é só azul-turquesa
É branco e negro
É calçada à portuguesa
É cor-de-rosa
Vê Lisboa a namorar
E cor de mel
Quando o sol o vem beijar

**O Tejo afinal
É o rio mais bonito
É de mil cores
Arco-íris infinito
O Tejo afinal
Pode ser qualquer pessoa
O rio Tejo
É o espelho de Lisboa
(BIS)**

Letra: Flávio Gil
Música: João Paulo Soares

Exibições na Altice Arena

31 de maio

Marcha Infantil da Voz do Operário
 Marcha de Marvila
 Marcha da Baixa
 Marcha de Alfama
 Marcha de Alcântara
 Marcha da Penha de França
 Marcha do Alto do Pina
 Marcha do Castelo

1 de junho

Marcha dos Mercados
 Marcha do Lumiar
 Marcha do Bairro Alto
 Marcha de Belém
 Marcha da Bela Flor - Campolide
 Marcha de Santa Engrácia
 Marcha do bairro da Boavista
 Marcha da Graça

2 de junho

Marcha da Santa Casa
 Marcha dos Olivais
 Marcha da Bica
 Marcha de Carnide
 Marcha da Mouraria
 Marcha de São Vicente
 Marcha da Madragoa

Exibições da Marcha Infantil

8 de junho

ACCL - Casal Vistoso

10 de junho

Voz do Operário

15 de junho

Marchas Infantis de Lisboa,
 CML - Belém

Desfile na Avenida da Liberdade

12 de Junho

Alinhamento

Marcha da Voz do Operário
 Marcha dos Mercados
 Marcha da Santa Casa
 Marcha dos Olivais
 Marcha de Alfama
 Marcha da Baixa
 Marcha de Santa Engrácia
 Marcha de Carnide
 Marcha do Castelo
 Marcha da Bela Flor - Campolide
 Marcha de Alcântara
 Marcha da Bica
 Marcha da Madragoa
 Marcha de São Vicente
 Marcha do bairro da Boavista
 Marcha do Bairro Alto
 Marcha da Graça
 Marcha do Alto do Pina
 Marcha de Belém
 Marcha de Marvila
 Marcha da Penha de França
 Marcha da Mouraria
 Marcha do Lumiar

Marchas na Rua

6 de julho

Marcha Infantil Santa Maria Maior
 Marcha Popular de Eiras - Coimbra
 Marcha de Alfama
 Marcha da Baixa
 Marcha do Castelo
 Marcha da Mouraria





6 Julho
(sábado)

21h00

Largo José Saramago
Campo das Cebolas



Marcha Infantil de Santa Maria Maior

Marcha Popular de Eiras - Coimbra (marcha convidada)

Marchas Populares de Santa Maria Maior:

Marcha de Alfama • Marcha da Baixa • Marcha do Castelo • Marcha da Mouraria



ENTRADA LIVRE



JUNTA DE FREGUESIA
STA. MARIA MAIOR

